

AS CATEGORIAS DO JUÍZO ESTUDANTIL

THE CATEGORIES OF STUDENT JUDGEMENT

Susane Schneider

Faculdade de Administração e Economia

susane_schneider@ig.com.br

RESUMO. Tema de Estudo: As formas estudantis de classificar e ser classificado. **Objetivo:** O propósito é realizar aproximações teóricas a fim de compreender a lógica prática das classificações e verificar como as mesmas funcionam no mercado simbólico, no que se aproximam ou se distanciam do juízo professoral. **Métodos e técnicas:** Esta investigação sobre as formas de classificação estudantis consiste em análise sociológica, sob a luz das teorias de Emile Durkheim, Pierre Bourdieu, Erving Goffman e Max Weber. Consiste de análise em dados qualitativos, obtidos com estudantes do Colégio Castelo e da Escola Básica Pedro II, instituições de ensino da cidade de Blumenau – SC. **Resultados.** Embora nos estudos de Bourdieu os considerandos do julgamento professoral apareçam mais fortemente ligados à origem social do agente do que a nota percebeu-se que no julgamento estudantil a lógica permanece, mas com o foco inverso. Para o professor, o operador lógico foca antes a origem social do aluno, enquanto que para o aluno o operador lógico foca antes o capital escolar adquirido, o que também tem sua lógica, levando em conta que o capital escolar adquirido se constitui no principal capital no mercado escolar. A utilização da “economia das práticas” de Bourdieu permitiu pensar a homologia da Bolsa de Valores no mercado econômico com a Bolsa de Valores Simbólica – Escola, em que as formas de classificação estudantis funcionam como ações simbólicas, negociadas conforme a necessidade de cada um, dependendo da estrutura, da forma do capital de cada estudante, das disponibilidades e disposições de investir.

Palavras - chave: Classificação estudantil, capital escolar, capital simbólico, escola.

ABSTRACT. Topic of Study: The Student ways to classify and be classified. **Objective:** The purpose is to achieve theoretical approaches to understand the practical logic of classifications and see how they operate in the symbolic market, related to closing or furthering of teachers judgement. **Methods and techniques:** This research on ways of student classification is to sociological analysis, in the light of the theories of Emile Durkheim, Pierre Bourdieu, Erving Goffman and Max Weber. It consists of a qualitative data analysis, obtained by students of Colégio Castelo and Escola Básica Pedro II, educational institutions in Blumenau - SC. Although in studies of Bourdieu the recitals of the teacher judgment appear more strongly linked to the social origin of the agent than the grades, it was found out that the student trial the logic remains, but with the opposite focus. For the teacher, the logical operator focuses the social origin of the student while for the student the logical operator

focuses the acquired school capital, which also has its logic, taking into account that the acquired school capital is the main capital in the school market. The use of "economy of practices" of Bourdieu allowed to think of the homology of the "Stock Exchange" in the economic market with the Symbolic Stock Exchange - School, where the student classification forms work as symbolic practices, negotiated as the need of each one, depending on the structure, on the capital of each student, the availability of funds and intentions to invest.

Key-words: Student classification, school capital, symbolic capital, school.

Introdução

Ao abordar as formas de classificação estudantil, este artigo problematiza as categorias do juízo estudantil, seus sistemas de classificação e funções sociais, seguindo a linha de trabalho aberta por Bourdieu em estudo sobre as categorias do juízo professoral (1998), no qual o autor observa que o julgamento professoral se revela e se estrutura na medida em que é expresso e que pode ser colocado em relação à sanção numerada (nota) e à origem social dos alunos. Entende-se que a escola dota os agentes dos esquemas de "percepção, de pensamento e de ação" capazes de torná-los, objetiva e subjetivamente, aptos e dispostos a decifrar os produtos culturais produzidos nas instâncias de produção de bens eruditos. A escola cumpre, portanto as funções de produção e consagração dos consumidores. Como instituição formadora, dispõe de mecanismos e técnicas responsáveis pela inculcação e perpetuação dos valores socialmente dominantes.

A partir disso, propõe-se, compreender como os estudantes se classificam uns aos outros, conhecer as classificações estudantis, verificar que instrumentos de percepção e apreciação são utilizados pelos agentes pesquisados para formarem seus sistemas de classificação.

Sobre a construção do referencial empírico

Os agentes pesquisados foram: 51 alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e 26 alunos de 1ª série do Ensino Médio do Colégio Castelo, perfazendo um total de 77, e 31 alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e 21 alunos de 1ª série do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Pedro II, perfazendo um total de 52. As duas instituições de ensino estão localizadas na cidade de Blumenau – SC:

Quadro 01 – Agentes pesquisados.

NÍVEL DE ENSINO	ESCOLA PRIVADA	ESCOLA PÚBLICA	TOTAL
FUNDAMENTAL	51	31	82
MÉDIO	26	21	47
TOTAL	77	52	129

A coleta de dados foi realizada no mês de agosto de 2005 e o referencial empírico se constitui num conjunto de informações sobre o estudante entre eles:

- Atividade de Integração – que é uma lista de qualidade e defeitos que resultou de uma dinâmica de grupo. Essa atividade consistia no seguinte: cada estudante recebeu uma folha em que colocou o seu nome completo e fez duas colunas (uma das qualidades e outra dos defeitos). Concluída essa etapa, cada estudante entregou a sua folha para o colega sentado atrás, que por sua vez, emitiu sua opinião sobre o colega identificado com o nome na folha. Foram realizadas tantas rodadas da atividade quantas se fizeram necessárias para que todos os estudantes emitissem suas opiniões pessoais sobre todos os colegas;
- Dados pessoais (profissão dos pais, endereço, sexo, idade) levantados em documentos das secretarias das escolas;
- Média do capital escolar adquirido (média de todas as notas, de todas as disciplinas de cada agente pesquisado, nos dois primeiros bimestres do ano), organizado em alta, média e baixa;
- Lista do juízo professoral - foram levantados dados com as professoras, para as quais foram apresentadas listagens com os nomes dos alunos participantes da pesquisa com a seguinte solicitação: Expresse dois adjetivos que classifiquem cada um dos seus alunos abaixo relacionados.

Conhecendo as classificações

Apresenta-se a seguir o levantamento de todas as classificações (atributos) expressas pelos estudantes na Atividade de Integração. Muitos alunos, ao expressarem sua opinião sobre o colega, utilizaram-se de mais de um atributo, para

as respectivas colunas de qualidade e defeitos, o que originou um grande número de classificações.

Da mesma maneira, apresentam-se as classificações expressas pelos professores para seus alunos, as quais foram, em seguida, agrupadas em domínios subjetivos de classificação.

Esses domínios subjetivos de classificação foram construídos levando-se em conta o significado das palavras, sendo a palavra escolhida, como classificação para compor os sentidos, a primeira palavra que apareceu no agrupamento. Portanto a palavra escolhida como classificação estudantil funcionou como um atrator simbólico. Como exemplo, observa-se que, para o atrator simbólico “querido” foram agrupadas outras classificações estudantis: especial, meigo, fofo, bonzinho, carinhoso e a classificação professoral amável.

A construção acima descrita resultou na Listagem das Classificações na qual, aparecem na primeira coluna, a classificação estudantil escolhida como atrator simbólico; na segunda coluna, os diversos sentidos (atributos expressos e agrupados) e na terceira coluna a classificação professoral. Todos os adjetivos relacionados às classificações estudantil e professoral, bem como os sentidos, foram listados no gênero masculino somente para facilitar o trabalho.

Percebe-se que as classificações expressas pelos professores apresentam uma linguagem mais refinada, se comparadas às expressas pelos alunos.

Os casos de ausência de adjetivos nas colunas um e dois significam que não ocorreram, por parte dos estudantes, expressões que tivessem o mesmo sentido dos adjetivos expressos pelos professores. Da mesma forma, os casos de ausência de adjetivos na coluna três indicam a não ocorrência de expressões com o mesmo sentido emitidas pelos professores.

Quadro 02 – Listagem das Classificações.

CLASSIFICAÇÃO ESTUDANTIL	SENTIDOS	CLASSIFICAÇÃO PROFESSORAL
QUERIDO	querido, especial, meigo, amigo, fofo, bonzinho, carinhoso	amável
LEGAL	legal, massa, 10, bacana, maluco demais	

GENTE BOA	gente boa, gente fina, boa pessoa, boa para conversar, bondoso	educado
BONITO	bonito, top model, perfeito, lindo, tesão, gatinho, gostoso, maravilhoso	
COMPANHEIRO	companheiro, leal, camarada, simpático	
CABELUDO	cabeludo, cachopa, cabeção	
PUNK	punk, metaleiro	
QUIETO	quieto, parado, fala pouco, na dele	calado
CHATO	chato, bundão, pentelho, xarope, impertinente, implicante, insuportável, saco, irritante, chulé, palha, enjoado	impaciente
TÍMIDO	tímido, parado, sério, fechado, envergonhado	inseguro, reservado
VADIO	vadio, malandro, vagabundo, não estuda, preguiçoso	desinteressado, não estuda
FALADOR	falador, goeludo, fala demais, fala muito, papagaio, fala besteira, tagarela	falante, conversador
ALEGRE	alegre, feliz, engraçado, divertido, brincalhão, extrovertido, risadinha	risonho
BAGUNCEIRO	bagunceiro, palhaço, brinca demais, maluco, ri demais, espoleta, esporrento, encapetado	
BOBO	bobo, bocó, pato, ridículo, dão da cabeça, babaca, estúpido, idiota, noob, pamonha, pata choca, otário, marreco, imbecil, tanso, retardado, trouxa, boião, viajão, vive no mundo da lua, fora da realidade	
METIDO	metido, curioso, abelhudo	
PATI	patricinha, pati, playgirl, rica, fresca	
PLAYBOY	playboy, rico, fresco	
BRAVO	bravo, brabo, fogo, mal-humorado	
TEIMOSO	teimoso, cabeça dura, persistente, não aceita opinião, insistente	persistente
CDF	CDF, esforçado, cuzão, estudioso, crânio, cabeça de ferro	interessado, dedicado, estudioso esforçado
INTELIGENTE	inteligente, esperto, intelectual	
EXIBIDO	exibido, convencido, nariz empinado, se acha, esnobe,	

	orgulhoso	
JUSTO	justo, honesto	
CRIANÇA	criança, infantil, baby	
GENTIL	gentil, atencioso	
NERVOSO	nervoso, preocupado, esquentado, estressado, briguento, impaciente inquieto, ansioso, instável, reclamação, resmungão, encrenqueiro, xinga muito	nervoso, preocupado
MAGRO	magro, seco, palito, meio quilo	
BAIXO	baixo, pequeno, nanico, tampinha, toco de amarrar bode	
CHUPIM	chupim, interesseiro	
CHINELO	chinelos, mané, caipira	
BICHA	bicha, gay, viado, boiola	
CERTO DEMAIS	certo demais, certinho, sério	
SINCERO	sincero, verdadeiro, franco	
IRRESPONSÁVEL	irresponsável, incoseqüente	
ESQUISITO	estranho, esquisito	
CORAJOSO	corajoso, muito macho	
CERA	cera, cerol, otário, idiota	
AGRESSIVO	agressivo, violento	
FALSO	falso, cínico	
GIGANTE	gigante, alto	
POLÍTICO	Político	
PERFECCIONISTA	perfeccionista	perfeccionista
FOLGADO	folgado	folgado
GARANHÃO	garanhão	
POLONÊS	polonês	
CHAMA PALAVRÃO	chama palavrão	
DISCRETO	discreto	
MACACO	macaco	
BATALHADOR	batalhador	
OBSERVADOR	observador	
BURRO	burro	
DESCONFIADO	desconfiado	
MISTERIOSO	misterioso	
CIUMENTO	ciumento	
MENTIROSO	mentiroso	

PORCO	porco, fedido, catinguento	
FEIO	feio, horrível, cavernoso, baranga, bruxo	
DEBOCHADO	debochado	
NOJENTO	nojento	
PEITUDO	peitudo	
GORDO	gordo, bola 8	
FAZENDEIRO	fazendeiro	
ESCANDALOSO	escandaloso	
VULGAR	vulgar, fica com muitas pessoas, ordinário	
MACUMBEIRO	macumbeiro	
DESATENTO	desatento, desligado, avoado	
NAMORADOR	namorador	
MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS	Maria-vai-com-as-outras, sem opinião	
CALOTEIRO	caloteiro, não paga o que deve	
CABELO CURTO	cabelo curto	
VESGO	vesgo	
PRETO	preto	
LOUCO	louco, doido	
MATA AULA	mata aula	faltoso
CALMO	calmo, tranqüilo	despreocupado
CONFIANTE	confiante	
FOFOQUEIRO	fofoqueiro	
GENEROSO	generoso	
SENSÍVEL	sensível, frágil	
PEIDÃO	peidão	
NARIGÃO	narigão, batata	
DUMBO	dumbo, orelhudo	
LADRÃO	ladrão	
MACONHEIRO	maconheiro	
GENTE GROSSA	gente grossa, mal-educado	
NÃO SABE JOGAR	não sabe jogar	
TARADO	tarado, avançado	
POSSESSIVO	possesivo	
ESTILOSO	estiloso	
OBEDIENTE	obediente	
PC	interesse em Personal Computer	

SÉRGIO REIS	fã do cantor Sérgio Reis	
MANDÃO	mandão	
PUXA SACO	puxa saco	
TRISTE	triste	introvertido
		equilibrado
		desequilibrado
		restrito em amizades
		revoltado
		quer agradar a todos
		dá o tapa e esconde a mão
		responsável
		líder
		dinâmico
		adulto
		rejeitado
		esportista
		músico
		prestativo
		criativo
		participativo
		popular
		crítico
		individualista
		Indiferente
		polêmico
		decidido
		irreverente
		despreocupado

Algumas classificações expressas pelos estudantes carecem de explicação com relação aos seus significados simbólicos, para isso apresentamos o quadro abaixo.

Quadro 03 – Classificações e significados

CLASSIFICAÇÃO	SIGNIFICADO
Caminhoneiro	Ser invencível no jogo “queda de braço”
Proeza	O fato de deixar à mostra, quando senta, parte das nádegas, que eles chamam de “cofrinho”. A ação em si é chamada de proeza.
Leite	Ter pele branca
P.C	Ser simpatizante de tudo que diz respeito a computadores - “personal computer”
Ladrão	Ter o hábito de roubar nos jogos de carta realizados no recreio
Peixe	O pai é comerciante de frutos do mar
GOG	Usar freqüentemente uma jaqueta com um bordado nas costas do rapper GOG - “Genival Oliveira Gonçalves”, com os dizeres “E o amor venceu a guerra”. O rapper GOG possui um diferencial em suas composições, pois não costuma usar palavrões.
Cera	Ser otário
Banco	Emprestar dinheiro
Chinelo	Ser caipira

Compreendendo as formas de classificação – aproximações teóricas

As formas de classificação estudantil podem ser comparadas às formas primitivas de classificação de Durkheim e Mauss (1999), transmitidas na prática e pela prática, fora de toda intencionalidade pedagógica, pois possuem idéias organizadas de acordo com o modelo organizado pela sociedade.

Pode-se dizer que cada classificação estudantil está ligada a um totem, como nas classificações primitivas, que determina o grupo, o parentesco, o lugar na sociedade, ligado ao universo simbólico construído socialmente.

[...] cada grupo particular de indivíduos sob a influência de causas que ignoramos, passa a se sentir mais especialmente em relações com tais coisas que são atribuídas, de maneira geral, ao clã inteiro (DURKHEIM 1999, p.190).

Cada um dos totens, ou das formas de classificação, confere aos estudantes, delas portadoras, poderes simbólicos variados sobre diferentes espécies de coisas. Os esquemas de classificação compõem um sistema com fins especulativos de tornar compreensíveis e inteligíveis as relações.

As formas de classificação estudantil se apresentam num sistema de noções hierarquizadas lógica e socialmente. De maneira geral, nesse estudo, percebe-se a hierarquização política e econômica das formas de classificação estudantil relacionadas principalmente ao capital escolar adquirido. À medida que este diminui, as classificações negativas invalidam as positivas, como por exemplo: gente grossa, maconheiro, folgado, criança, “Maria-vai-com-as-outras”, ladrão, entre outras, proporcionando aos seus detentores um baixo capital de representação. Quando o capital escolar adquirido é alto, as classificações negativas como CDF defeito, teimoso, certo demais, sugerem reforçar as classificações positivas, tais como: CDF e inteligente.

Durkheim menciona que as classificações são obras de sentimento e não de idéias puras, portanto, quando um estudante expressa um atributo a outro estudante, ele está agindo a partir de um esquema lógico de percepção muito próprio, singular, mas ao mesmo tempo socialmente construído. As idéias e os sentimentos se entrelaçam nas operações de classificação que se dão sob forma de laços familiares ou como relações de subordinação econômica ou política. Afetam os sentimentos dos grupos, os quais nasceram de estados coletivos (afetivos) e manifestam afinidades sentimentais entre as coisas e os indivíduos, gerando classificações segundo tais afinidades.

Para os estudantes, o espaço escolar está diferenciado em tribos (sutis), cada qual com seu valor afetivo próprio. Sob a influência de sentimentos diversos, essas tribos se ligam a princípios especiais que as dotam de virtudes sui generis que a distinguem de qualquer outra.

E é este valor emocional das noções que desempenha papel preponderante na maneira pela qual as idéias se aproximam ou se separam. É este o valor que serve de caráter dominante na classificação. [...] A classificação lógica é uma classificação de conceitos. Conceito é a noção de um grupo nitidamente determinado; os limites desse grupo podem ser marcados com precisão. A emoção, ao contrário é qualquer coisa de vago e de

inconsistente. Sua influência contagiosa se irradia muito além do ponto em que se originou, estende-se a tudo quanto a cerca, sem que se possa dizer onde termina seu poder de propagação. Os estados de natureza emocional participam necessariamente do mesmo caráter. Não se pode dizer nem onde começam, nem onde acabam; perdem-se uns nos outros, misturam suas propriedades de tal maneira que não podem ser categorizados com rigor. Por outro lado, para poder marcar os limites de uma classe seria preciso ainda ter analisado os caracteres pelos quais se distinguem e se reconhecem os seres reunidos nesta classe (DURKHEIM, 1999 p. 201- 202).

O mecanismo social de apreensão do poder simbólico relacionado a cada classificação estudantil acontece pelo que Mauss (in Montagner 2006) denominou “trabalho de taxonomia psicossociológico” em que as formas de classificação, apreendidas e incorporadas, são responsáveis pela ordenação do mundo escolar e pela criação das categorias de entendimento desse mundo.

A lógica prática das classificações

A sala de aula, sob a neutralidade escolar, sugere um ambiente perfeitamente homogêneo, que diante das influências afetivas, sentimentais, exercidas e recebidas se transforma num ambiente heterogêneo.

As classificações estudantis se modelam sobre a organização social e escolar e funcionam como estrutura estruturante na medida em que são estruturadas.

A escola, mais especificamente a sala de aula se constitui numa sociedade política, com indivíduos que têm em comum idéias, interesses e sentimentos. A princípio todos comungam do mesmo interesse, que é o de escolarizar-se, mas também se verifica o desenvolvimento de diferentes tipos de individualidades.

Percebe-se que a maioria das classificações diz respeito ao comportamento dos agentes, o que comprova a existência de um meio moral. Toda forma de classificação estudantil que diz respeito ao comportamento é permeada por um sentimento moral. Sentimento moral no sentido de aproximação, encontro, de associação de idéias, interesses e sentimentos. O comportamento define o grau de adaptação do indivíduo ao corpo de regras morais estabelecido pela sociedade, o qual funciona como um organizador lógico das relações. A vida na sala de aula sofre

a influência reguladora desse corpo de regras morais (*habitus* cultivado). Mas, pergunta-se: como surge esse corpo de regras? Qual a sua finalidade?

O corpo de regras surge das necessidades mínimas para a boa convivência em sociedade (grupo); sistematizado, incorporado, age como um esquema lógico de ação e percepção. Esse esquema, chamado por Durkheim (1978) de moral doméstica, é formado, internalizado no indivíduo primeiramente na família.

A educação do corpo de regras sociais é um campo de luta entre as famílias e as escolas. Embora os embates em busca do ideal de homem aconteçam no cotidiano de maneira complexa, eufemizada e dinâmica, e a noção de ideal de homem seja sistematizada pelo próprio processo civilizatório, na prática desvelam-se as etapas que envolvem o processo e os mecanismos de conhecimento, reconhecimento e adaptação ao corpo de regras sociais.

Nota-se que os instrumentos de percepção utilizados pelos estudantes para formarem seus sistemas de classificação, nas condições objetivas de existência, são trazidos do *habitus* primário, acrescidos de instrumentos adquiridos na escolarização.

Considerando que as circunstâncias exteriores não são homogêneas, os movimentos que cada estudante executa no ambiente (sala de aula), são em muitos momentos, estereotipados, ou seja, executados por todos dentro de uma mesma conformidade de conduta, e em outro, não. Pode-se dizer que nos relacionamentos no cotidiano escolar acontecem choques entre os diferentes tipos de individualidades.

No momento em que o ser individual sobrepõe o ser social, está instalado um campo de lutas.

Uma relação social será chamada de “luta” na medida em que a ação de um partido for orientada propositadamente a fim de satisfazer a vontade própria, prevalecendo contra a resistência de outros partidos ou de um outro partido (WEBER, 1989, p. 71).

A luta pelo capital escolar adquirido instala uma competição entre os estudantes, no espaço escolar, para alcançar maior rendimento. A competição nada mais é do que a luta pacífica, sem agressão física, na tentativa de obter o controle das oportunidades, vantagens e disposições necessárias para atingir o objetivo.

Essa competição no espaço escolar é controlada pela autoridade do professor. A luta é resultado da crença e reproduz a crença, e ao mesmo tempo funciona como fonte de energia e atualização do jogo.

Observa-se que os professores encontram muitas dificuldades nos relacionamentos com seus alunos no cotidiano, casos de indisciplina, violências, principalmente porque o grupo apresenta esses (des) encontros de *habitus*. Da mesma maneira, os próprios estudantes encontram dificuldades em seus relacionamentos no cotidiano escolar, principalmente na idade da adolescência. Essas dificuldades se apresentam de inúmeras maneiras, algumas até bruscas e violentas, tanto no plano material quanto no simbólico.

A necessidade de adaptação ao corpo de regras que lhes é exigida nada mais é do que a subordinação da individualidade, do controle das vontades. As disposições (*habitus*) adquiridas em cada posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição.

Bourdieu (1990 p.158) e Goffman (in Bourdieu, 1990 p.155) explicam esse ajustamento com a expressão *sense of one's place* que, nas interações, leva as pessoas a se manterem “modestamente” em seu lugar, e os outros a “guardarem as distâncias” ou a “manterem sua posição”, a “não terem intimidades”. Esse *sense of one's place*, mais as afinidades de *habitus* vividas, como simpatia ou antipatia, está na origem de todas as formas de cooptação, entre elas a amizade.

Olhando por um outro viés, verifica-se que os atributos expressos pelos professores, neste trabalho, também em sua maioria dizem respeito ao comportamento.

Portanto, a lógica da incorporação do *habitus* secundário segue a lógica da qual os estudantes são produto da classificação social e professoral.

As formas de classificação no mercado simbólico

A escola, instituição de socialização secundária, é também um mercado simbólico que oferece os capitais simbólicos necessários para que se possa jogar o jogo da vida. Nela se aprende muito mais do que conteúdos para vivência na sociedade plural e diversa, aprende-se para o conhecimento e reconhecimento do jogo simbólico da vida em sociedade. Acontece gradativamente e, muito sutilmente,

por intermédio da mediação do *habitus* escolar, que inculca esquemas de conhecimento e reconhecimento do capital escolar adquirido.

Considerando o corpo de regras sociais como estrutura estruturante à medida que é estruturado, a própria classificação funciona como um sinalizador do posicionamento do agente no campo escolar e, por que não dizer, a própria classificação, quando negativa, funciona de maneira coercitiva. A coação sugere uma necessidade de adequação ao corpo de regras e conseqüentemente à sua incorporação.

Os dados, quando submetidos à análise, revelam uma comprovação empírica dos princípios organizadores do sistema de classificação estudantil fortemente ligados ao conceito de *hexis* corporal de Bourdieu. As classificações relacionadas ao comportamento dos agentes são as mais incidentes, e as que proporcionam um maior rendimento do capital social, seguidas das relacionadas com a aparência física dos agentes e de outras, como estilo de vida, origem e gostos.

Cada classificação é um símbolo e está relacionada a um totem de pertencimento, portanto a representação do agente com relação ao totem forma um outro tipo de capital simbólico, que se constitui em vantagem social e funciona como “moeda” de troca no mercado escolar. Esse capital simbólico de representação, nesse microcosmo, está intimamente relacionado a um conjunto de fatores que fazem parte do corpo ou são visíveis nele, tais como capital econômico, capital cultural herdado, capital escolar adquirido e capital social. É como se a operação lógica de classificação ocorresse simultaneamente, levando em consideração todos os fatores acima associados à emoção e critérios de afinidades.

As formas de classificação estudantis são na prática, a representação objetiva e subjetiva das lutas simbólicas no espaço escolar, para imposição dos diferentes princípios de visão e de divisão como legítimos.

A bolsa de valores simbólica – escola

O sistema de classificação estudantil como mercado simbólico pode ser comparado a uma bolsa de valores no mercado econômico. O posicionamento de cada aluno no momento da pesquisa aparece como um indicador do desempenho das cotações de ações do mercado escolar no momento da pesquisa. Pode-se dizer

que é um retrato do comportamento dos principais papéis negociados no mercado simbólico. A ação no mercado financeiro é o papel simbólico que é dado em garantia na troca pelo dinheiro. Na Bolsa de Valores Simbólica – Escola o atributo (forma de classificação) é a ação, que é dado em contrapartida pelo investimento do capital simbólico.

As formas de classificação são ações simbólicas. Todos os estudantes possuem ações (trunfos), uns mais, outros menos. Agem e são agidos. Essas ações são negociadas conforme a necessidade de cada um, dependendo da estrutura, da forma do capital de cada um, das disponibilidades e disposições para investir. Pode-se dizer que os estudantes, quando escolhem as ações a serem compradas na Bolsa de Valores Simbólica – Escola, escolhem as que ocupam posições homólogas à posição que eles ocupam no espaço social. Assim como no mercado econômico, no mercado escolar existem as ações menos disputadas e as mais disputadas. As ações menos disputadas, maioria no mercado e que representam um percentual menor do capital que circula na Bolsa de Valores Simbólica – Escola pertencem à maioria dos alunos, e são negociadas por mecanismos ligados ao sistema de classificação estudantil no mercado primário. Os efeitos da compra dessas ações são sentidos diretamente pelo aluno como se não passassem pela escola. As ações mais disputadas são negociadas diretamente na Bolsa de Valores Simbólica – Escola pelo operador que é o professor, e rendem direitos e proventos (conhecimento, títulos, aceitação social, adequação às regras sociais). Como no mercado econômico, na Bolsa de Valores Simbólica - Escola pode-se denominar de estratégias de investimento simbólico ações que visam conservar e aumentar o capital de reconhecimento. Trata-se de estratégias cujo objetivo é reproduzir esquemas de percepção e apreciação mais favoráveis às suas propriedades, e produzir ações capazes de serem apreciadas favoravelmente segundo essas categorias.

Os esquemas de percepção e ação interiorizados podem se distinguir em dois componentes: o *ethos*, que são os princípios ou valores em estado prático e o *hexis* corporal, que são as posturas, disposições do corpo, relações ao corpo, interiorizadas inconscientemente pelo indivíduo ao longo de sua história. O *ethos* está ligado ao corpo de regras moral e à ética na forma teórica, e o *hexis*, em sua

construção histórica, está ligado também à moda, que pode ser percebida na escolha do vestuário, no uso de bonés, acessórios, piercings, tatuagens, etc..

Aproximações e distanciamentos entre os julgamentos professoral e estudantil

Embora nos estudos de Bourdieu (1998) a origem social seja apontada como um dos critérios direcionadores para o julgamento professoral, no julgamento estudantil ela não é percebida como um critério tão aparente. Acredita-se que na faixa etária dos agentes pesquisados (adolescência) a noção da estratificação social ainda não esteja tão cristalizada. No julgamento estudantil, o critério direcionador encontrado é o capital escolar adquirido, o qual é uma forma transformada do capital cultural. Portanto, o capital cultural (escolar) e as condutas relacionadas à escola comandam as formas de classificação estudantis.

As classificações professorais observadas neste estudo, assim como no estudo de BOURDIEU (1998), também são permeadas pelo *hexis* corporal.

Observa-se, nos atributos expressos pelos professores, um sentimento de cuidado. Poucos atributos relacionados à aparência física são citados e existe a omissão da opinião em certos casos. Percebe-se que, além do conjunto de critérios difusos, observado nos estudos de Bourdieu (1998), a expressão do professor também é permeada de sentimentos que operam de forma sutil e eufemizada, como o medo. A omissão da opinião do professor para determinados estudantes, nessa pesquisa, foi esclarecida informalmente pelo medo de represálias de alunos envolvidos em atividades ilícitas.

O julgamento professoral na escola particular coincide em 59,74% com a classificação expressa pelos alunos e em 10,38% com as duas classificações. Na escola pública, coincide em 44,23% com uma classificação expressa pelos alunos e em 3,84% com as duas classificações.

Quando um estudante classifica seus colegas com os mesmos adjetivos, ou com adjetivos com o mesmo sentido com os quais ele é classificado, ele está automaticamente reconhecendo as taxinomias escolares do julgamento professoral, bem como os princípios e os critérios de classificação social. No sistema de ensino todos estabelecem classificações e todo mundo é classificado, sendo que os melhores classificados se tornam os melhores classificadores.

Enquanto no julgamento professoral o cuidado com as expressões é visível, no julgamento estudantil acontece o oposto. As classificações são inúmeras e não demonstram tanta preocupação com implicações políticas.

A lógica do julgamento professoral parece ser uma lógica de oposição em relação ao capital escolar adquirido, na medida em que o rendimento escolar vai diminuindo os atributos se vão modificando e, de inteligente, estudioso, perfeccionista, passam a inseguro, introvertido, crítico, impaciente, irreverente, e seguem com despreocupado, indiferente, triste, faltoso e vulgar. Essa oposição no julgamento professoral faz transparecer uma hierarquia simbólica fundada nas condutas e posturas do estudante com relação às coisas da escola.

Considerações finais

Considerando as formas de classificação estudantis constituintes de um sistema simbólico de comunicação, resultado das relações, no espaço escolar, que é um ambiente diverso e plural, observaram-se as tomadas de posição, as escolhas dos agentes na prática.

Embora nos estudos de Bourdieu os considerandos do julgamento professoral apareçam mais fortemente ligados à origem social do agente do que a nota, percebeu-se que no julgamento estudantil a lógica permanece, mas com o foco inverso. Para o professor, o operador lógico foca antes a origem social do aluno, enquanto que para o aluno o operador lógico foca antes o capital escolar adquirido, o que também tem sua lógica, levando em conta que o capital escolar adquirido se constitui no principal capital no mercado escolar.

Pode-se afirmar que o sistema de classificação estudantil tem como princípios organizadores o capital escolar adquirido atrelado ao *hexis* corporal. De maneira muito complexa se encontram entrelaçados como princípios de diferenciação o capital escolar adquirido que é a forma transmutada do capital cultural, e o capital econômico que se torna visível no *héxis* corporal, traduzido não somente nas escolhas relacionadas ao comportamento, mas também nos gostos, aparência física e estilo de vida.

Os instrumentos de percepção utilizados pelos estudantes são trazidos de seus *habitus* primários, construídos sobre os capitais herdados e complementados num processo dinâmico, mas lento pela aquisição dos *habitus* secundários.

Considera-se o sistema de classificação estudantil um sistema intermediário, porque os estudantes operam numa semilógica, na sala de aula, comandados pela magia do julgamento professoral, que inculca os esquemas de pensamento e ação na prática. Portanto a escola, como formadora de *habitus*, não ensina somente conteúdos, mas também ensina a jogar o jogo da vida.

Esse processo de aprendizagem dá-se de maneira gradual e lúdica e pode ser observado como uma incorporação aparentemente natural e mágica dos esquemas lógicos que favorecem e perpetuam a reprodução social. A maneira lúdica de aprender é visível nas classificações que parecem pura diversão ou, como os próprios estudantes dizem, “zoação”.

A utilização da “economia das práticas” de Bourdieu permitiu pensar a homologia da Bolsa de Valores no mercado econômico com a Bolsa de Valores Simbólica – Escola, em que as formas de classificação estudantis funcionam como ações simbólicas, negociadas conforme a necessidade de cada um, dependendo da estrutura, da forma do capital de cada estudante, das disponibilidades e disposições de investir.

SUSANE SCHNEIDER

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Regional de Blumenau (1986), especialização em Gestão Empresarial e Estratégias de Informática pela Universidade Gama Filho (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (2007). Atualmente ministra aulas nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Tecnologia em Comércio Exterior e Tecnologia em Recursos Humanos, na Faculdade de Administração e Economia – FAE, Blumenau, SC.

Referências

DURKHEIM, Emile. **Durkheim**. José Alberto Rodrigues (organizador). São Paulo, SP: Ática, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2006.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000200028&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 Set 2006.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Moraes, 1989.